



O CORPO QUE BRINCA É O MESMO CORPO QUE TRABALHA: LAZER, TRABALHO E PRÁTICAS DISCURSIVAS NA INFÂNCIA.

João Paulo Fernandes Soares
Ludmila Nunes Mourão

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender os significados que o trabalho e o lazer assumem no cotidiano de um grupo de crianças trabalhadoras. Para este propósito, foi realizada pesquisa de campo, no campus de uma Universidade Federal. Como técnicas de pesquisa, lançou-se mão de observações sistemáticas em caderno de campo e entrevistas temáticas com um grupo de oito crianças. Pode-se concluir que tal grupo de crianças trabalhadoras vivenciam os momentos do trabalho de forma diferenciada e ressignificada. Além do tempo de trabalho se constituir em ofício para auxiliar na renda de suas famílias, se apresenta como tempo de vivências lúdicas diversas, indicando o caráter subversivo do brincar no universo destas crianças.

Palavras Chave: Lazer, Infância, Trabalho Infantil.

INTRODUÇÃO

O processo de empobrecimento ao qual as populações dos países “em desenvolvimento” vêm sendo expostos através da história contemporânea relaciona-se às modificações e reorganizações do sistema capitalista no decorrer deste trajeto histórico. Crises macroeconômicas são recorrentes, causando desemprego estrutural recorde em diversos países, juntamente com a desvalorização salarial, precarizando significativamente as relações de trabalho.

A proporção dos trabalhadores temporários cresce em relação à população dos trabalhadores permanentes. A flexibilização trabalhista acarreta a perda de “vantagens” que poderiam compensar os salários defasados, como o emprego duradouro, as garantias de saúde e aposentadoria. (ANTUNES, 2002).

Quando se transpõe esta realidade para o universo das crianças e adolescentes, algumas questões são trazidas a tona, como por exemplo, a eficácia das políticas governamentais de erradicação do trabalho infantil e se, realmente neste contexto, é possível pensar em uma erradicação efetiva deste trabalho, à medida que este grupo social, tem sido

influenciado de várias formas a adentrar cada vez mais precocemente no universo do trabalho.

Refletindo especificamente sobre o trabalho infantil ¹, nos interrogamos se, historicamente, este processo sempre existiu. A maioria dos historiadores não se arrisca a precisar o período em que a mão-de-obra infantil começou a ser utilizada, ficando de forma consensual as modificações, bem como a intensificação deste processo com o advento da Revolução Industrial. (ALBORNOZ, 2004)

Neste sentido, verifica-se que o trabalho das crianças já existia em diversas sociedades não ocidentais, recebendo significações diferenciadas em cada contexto cultural. Desta forma, as inter-relações assumem conformações altamente complexas, muitas delas baseadas na intenção do trabalho coletivo.

Uma dessas formas de trabalho era realizado em nível de economia de posição e estabelecido de acordo com as formas de cooperação existentes dentro do interior da comunidade, este se baseia na idade, no sexo do indivíduo e por parentesco. A cooperação por idade funciona de acordo com os princípios da capacidade produtivas dos membros da comunidade, as tarefas são distribuídas entre jovens, adultos e velhos de acordo com a capacidade física e as necessidades. (ALBORNOZ 2004, p.86)

O processo de socialização das crianças via universo do trabalho, relacionava-se com os processos culturais através dos quais os indivíduos transmitiam uma infinidade de símbolos culturais, que além das técnicas e organização do trabalho, os costumes e as normas ligadas às tradições, que lhes proporcionavam os conhecimentos para a convivência em sociedade. A importância dada ao ofício na iconografia medieval na Europa é um sinal do valor sentimental que as pessoas lhe atribuíam como importante meio de socialização das gerações mais jovens. (ARIÈS, 2001).

Guardando as devidas proporções ao refletir o trabalho infantil na modernidade², pode-se compreender que nas mais diversas classes sociais³, o valor atribuído ao trabalho, ou mesmo, a entrada no universo laboral pelas crianças e adolescentes, constitui-se em um ritual

¹ De acordo com a lei nº 8.069/90, o chamado Estatuto da Criança e do Adolescente, considera-se criança, para os efeitos desta Lei, "a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade". (BRASIL, 1990, p.1)

² O conceito de modernidade que será utilizado neste estudo é o proposto do Anthony Giddens (1991), que aponta a modernidade como um tempo histórico dinâmico e instável, em que os sujeitos são compelidos a constantemente repensarem suas referências e inserções sociais. (GIDDENS, 1991).

³ O conceito de classe social utilizado neste estudo é o proposto por Bourdieu (2005), que amplia a visão economicista que foca a análise das classes sociais predominantemente em aspectos econômico e aponta a classe social como um grupo de indivíduos que partilham aspectos simbólicos de um determinado campo social, com gostos, aspirações, opiniões sobre determinados temas sociais e uma posição econômica na estrutura social semelhante. (BOURDIEU, 2005).

de passagem⁴ para a geração adulta. No entanto, a reflexão sobre as formas de trabalho, suas diferenciações e os objetivos que movem tais sujeitos a buscar as atividades laborativas é necessário, à medida que a inserção no trabalho pelas classes populares é orientada por diferentes aspectos, como a necessidade financeira de subsistência, a intenção em transmitir os valores presentes no universo do trabalho, que serão relevante no processo de reprodução econômica familiar.

Neste sentido, os discursos em que estão imersos os debates sobre o trabalho infantil são permeados por discursos que se alternam em retórica, ora político partidária, ora de fundo religioso, perpassando um tom salvacionista que deve ser problematizado, principalmente a partir dos discursos, imagens e silêncios dos sujeitos que escrevem esta histórica no seu dia a dia. (ORLANDI, 2010).

Ao discutir tal temática, situo as análises presentes neste trabalho na forma relacional com que o discursos produzidos pelas crianças trabalhadoras do município de Viçosa/MG articulam-se com seus tempos sociais do trabalho e de lazer e de que formas a ludicidade permeia tais discursos. As inquietações e estranhamentos aqui presentes relacionam-se com a busca das especificidades culturais dos grupos populares, suas vicissitudes e contrastes. (GOUVEIA 2007).

No momento inicial de nossa incursão teórica acerca da temática, tivemos como ponto de partida a possível negação das vivências lúdicas nos momentos de trabalho por estas crianças. Tal questão poderia ser expressa no sentido de problematizarmos as relações traçadas entre as categorias trabalho e lazer na infância, pressupondo um processo de dicotomização e sobreposição destes momentos, ou mesmo a negação do lazer pela categoria trabalho. (SILVA, 2001).

Assim, quando tomamos a discussão do lazer e do trabalho infantil, foi imprescindível que nos questionar: como interpretar estas vivências das crianças de classes populares de Viçosa? A ludicidade, enquanto significação simbólica indissociável das culturas humanas adquire neste contexto caráter subversivo da lógica do trabalho? Os indivíduos ressignificam seus momentos e espaços através da atitude do brincar?

Desta forma, buscou-se como objetivos centrais deste estudo compreender os significados que o trabalho e o lazer assumem na realidade social destas crianças

⁴ Segundo DAMATTA (2000), os rituais de passagem são processos de ritualização criados e recriados pelos grupos culturais para realizar a passagem de seus integrantes de um lugar social para outro, neste caso, da infância para a geração adulta. Neste sentido, segundo o autor, é necessário tomar o simbolismo dos ritos de passagem como uma dramatização de valores, axiomas, subversões, conflitos e contradições sociais. (DAMATTA, 2000).

trabalhadoras e, captar de forma interpretativa os significados que o lúdico assume nos discursos e na realidade sociocultural de um grupo de crianças trabalhadoras.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa de campo foi realizada na cidade de Viçosa, Minas Gerais⁵, mais especificamente nas dependências do Campus da Universidade Federal de Viçosa.

O método utilizado na coleta de dados foi o de observação participante de cunho etnográfico. O grupo pesquisado foi composto de 8 (oito) informantes, com idades inferiores a quatorze anos, todos do gênero masculino, que trabalhavam no campus da Universidade Federal de Viçosa por um período de seis meses⁶. O material analítico foi captado através de registros de áudio das entrevistas individuais. Além desta técnica, foi realizada observação sistemática com anotações em caderno de campo.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e os dados reanalisados⁷ mediante a técnica de Análise de Discurso proposta por Orlandi (2010), onde se buscou captar e compreender os significados explícitos e implícitos nos discursos produzidos pelos informantes pesquisados. (ORLANDI, 2010).

Outro aspecto importante considerado no processo de investigação foi a necessidade em vocalizar os interesses, demandas e intenções das crianças trabalhadoras de classes populares viçosense, a partir da tentativa de olhá-los a partir deles mesmos, de seus discursos e sua constituição enquanto ser cultural dotado de uma historicidade social única e específica.

CULTURA E LAZER COMO FENÔMENOS INDISSOCIÁVEIS

A relevância de se adentrar na discussão acerca das categorias cultura e lazer se fazem a medida, a medida que os entendimentos e conceituações acerca destas categorias são

⁵ A cidade de Viçosa, localizada na Zona da Mata mineira, tem uma população de 72.220 pessoas. Destas, 10.508 são crianças de 5 a 14 anos. Deste total, 5.324 são homens e 5.184 são mulheres (IBGE, 2010).

⁶ O período da inserção no campo empírico foi de março a agosto de 2006.

⁷ Esta pesquisa é oriunda do trabalho de conclusão de curso em Educação Física. Os dados foram revisitados e as análises refeitas e ampliadas em agosto de 2012, a partir dos referenciais da Análise do Discurso, apropriados em disciplina do Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora.

inúmeros. Sobre o conceito de cultura, Geertz (1989) ressalta que a cultura deve ser vista como uma teia de significados:

O conceito de cultura que defendo é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias. (GEERTZ, 1989, p. 15).

Para este autor, as sociedades são particulares e específicas, não existindo nenhum princípio organizacional comum entre elas, o que nos reporta a um caráter específico das mesmas. O autor enfatiza ainda o papel da história na construção dos sistemas simbólicos traz apontamentos com relação a busca do entendimento da cultura a partir dela mesma, reafirmando a impossibilidade de qualquer determinação da mesma por fatores externos a ela. Desta forma, a culturas teriam significados que seriam explicações a partir delas próprias, não sendo reconhecido nenhum tipo de determinação extrínseca.

Será utilizado neste estudo o conceito de cultura como teia de significados proposto por Geertz (1989), por compreendermos tal categoria como relevante na reflexão sobre a significação e ressignificação que o grupo de crianças trabalhadoras criam sobre o trabalho e o lazer em seus contextos culturais.

A partir desta conceituação, pode-se situar o lazer como tempo social ímpar com relevância central na compreensão de uma determinada cultura. O mesmo faz parte da teia de significados cultural e as vivências realizadas neste tempo são criadas e recriadas pelos sujeitos. Tal fenômeno cultural se complexifica sobremaneira quando tentamos compreender os significados das práticas corporais dos sujeitos e grupos sociais em suas vivências cotidianas de lazer.

Tais manifestações culturais se fazem momento ímpar para os entendimentos de uma determinada cultura, visto que em seu tempo de lazer, e não só em outros momentos, os sujeitos criam e recriam possibilidades para realizações enquanto grupo social identitário. (MELO, 2008).

Neste contexto, é necessário, na atualidade brasileira, “compreender o lazer como uma dimensão da cultura” (GOMES 2008, p. 3), que como tal, produz e reproduz estereótipos, preconceitos e processos discriminatórios ocorridos no interior dessa cultura, como as discriminações contra determinados grupos demarcados por diferenças de gênero, geração/idade, etnia, classe social, deficiências, ou qualquer aspecto que delimite uma identidade destoante do que é ditado pelas instituições sociais como “normal” (GOELLNER et al, 2011).

Neste sentido, as conceituações de cultura e lazer expostas nos auxilia na compreensão do contexto em que as crianças trabalhadoras estão imersos. Uma teia de significados que se articula em seus tempos sociais de trabalho e lazer. Refletindo sobre este entrelaçamento, busca-se compreender como estes indivíduos significam estes tempos sociais em sua realidade.

DISCUSSÃO DOS DADOS

A busca das especificidades culturais dos grupos populares reside na tentativa de uma incursão teórica que se pretenda mais próxima das realidades e especificidades das populações estudadas. Neste caso, buscou-se adentrar no campo simbólico de um grupo específico: crianças de classes populares que trabalham com a venda de sorvetes e picolés no campus da Universidade Federal de Viçosa.

A escolha do local para as observações reside, primeiramente por ser um espaço em que estas crianças assiduamente atuavam como vendedores de produtos alimentícios diversos, sendo que a venda de sorvetes e picolés foi predominante. Este local explicitou, de forma não planejada, contrastes nas imagens de sujeitos sociais tão distantes e tão próximos na teia de significados traçada neste espaço cultural específico: as crianças trabalhadoras e os universitários⁸.

Este grupo de crianças, todas do gênero masculino, trabalhava informalmente para uma sorveteria da cidade. Todos tinham um carrinho térmico, utilizado para transportar os produtos. Nestes, via-se a logomarca de tal empresa estampada. Alguns, porém, levavam acima destes carrinhos, outras embalagens com doces diversos, confeccionados por seus familiares para que fossem vendidos⁹.

A totalidade deste grupo de crianças estava matriculada na rede pública de ensino, sendo que três dos oito informantes estavam em atraso escolar, de acordo com a comparação da idade informada e a ano escolar cursado.

Neste processo de revisitar os discursos produzidos pelos informantes da pesquisa, a análise de discurso proposta por Orlandi (2010) se faz relevante por auxiliar a desvelar sentidos e significados ocultos em tais discursos. A análise de discurso, como seu próprio

⁸ Reflexão a partir de anotação em no caderno de campo realizada durante a terceira observação, realizada nas imediações do DCE (Diretório Central dos Estudantes), onde diversos universitários contrastavam com quatro crianças informantes.

⁹ Informações obtidas e registradas em caderno de campo.

nome indica, “não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem, ela trata do discurso”. (ORLANDI 2010, p. 15).

A relação traçada em torno do trabalho, enquanto fator de organização, apropriação e reprodução do habitus individual e coletivo¹⁰ nos remete ao relato de uma criança entrevistada, quando a mesma ressalta que:

Os bico que eu faço é carregar areia, agente carrega pra dentro da construção e de vez em quando a dona faz feijoada e da pra gente [...], eu trabalho pra não fica a toa, fica a toa não tá com nada (F.P.S, 13 anos)

O trabalho infantil quando analisado de forma descontextualizada culturalmente, nos remete as impressões preconcebidas sobre os aspectos ligados à reprodução enquanto grupo social das famílias destas crianças. Nota-se, que há deste muito cedo, a incorporação de um *ethos* do trabalho, onde são valorizadas as “boas características do ser humano”, em contraposição ao ócio, que exporia aspectos negativos deste mesmo ser humano. (MELO, 2008).

A busca pela ampliação da análise dos discursos nos remete a novas falas dos indivíduos, quando questionados sobre suas escolhas necessárias relacionadas ao trabalho: “Ai eu não, prefiro mesmo é ficar trabalhando, ficar a toa, sem fazer nada eu não gosto não...”. (R.S, 12 anos).

A incorporação deste habitus dá lugar a alterações, mesmo que de forma singela, a ressignificações nas vivências cotidianas destes sujeitos, não sabendo ao certo em que momento deste campo simbólico os mesmos se apropriaram destas possibilidades.

A ludicidade nos momentos de trabalho coloca em questão a dicotomização dos tempos de trabalho e lazer presentes no contexto cultural destes sujeitos. Como nos relata dois irmãos trabalhadores:

Eu gosto de brincar de pique pega, pique esconde, pique parede, de conversar com os amigos (A.S, 6 anos)

Eu deixava brincar uai, fazê o que, ele gosta de brincar eu deixei [...] eu tomava conta do carrinho e ele ia lá brincar, e na hora que ele voltava eu vendia os dele e os meus também, ai eu dava o dinheiro pra ele entregar pro moço (W.S, 8 anos).

Nota-se a cumplicidade nos momentos em que meninos subvertem o trabalho na busca das brincadeiras como seu meio de expressão; assumindo o mais velho o papel de executor da

¹⁰ A categoria Habitus, será aqui abordada no sentido dado por Pierre Bourdieu (2004), que denomina o mesmo enquanto disposições simbólicas duradouras incorporadas que predispõe à ação. Estas necessitam da estrutura social como condição objetiva na constituição e reprodução do mesmo.

atividade laborativa para que seu irmão pudesse brincar. A ludicidade mostra-se como uma necessidade na vivência cotidiana destas crianças e, mesmo quando se colocam na vivência do trabalho:

Tanto a casa como a rua se mostram identificadas, ora com a brincadeira, ora com o trabalho, ambas levando à necessidade do trabalho, e à possibilidade da brincadeira, da vivência de momentos lúdicos, que, neste caso específico, ocorre com intensa ressignificação de objetos, momentos e imagens pelos sujeitos sociais. (DEBORTOLI 1997, P. 338).

Os laços de reciprocidade e afeto presentes aqui não podem ser explicados apenas em seu caráter utilitarista, mas em uma conformação ampla de significados culturais e estratégias de sobrevivência que tais crianças são socializadas.

O trabalho de campo trouxe elementos acerca da hipótese da perda de tempo lazer em função do trabalho que exercem:

Várias experiências acabam chegando mais cedo para essas crianças, misturando dor e prazer, impondo informações e uma maturidade que a maioria, cronologicamente, não tem. Em alguns momentos, confundem-se infância e vida adulta. (DEBORTOLI 1997, p. 331).

Os momentos das vidas deste grupo de crianças de classes populares viçosenses não são tão demarcados como as de crianças socializadas em outras culturas e que diferem em habitus de classe. Os ritos de passagem (DAMATTA, 2000) são marcados pela iniciação ao trabalho bem como da participação em festas ditas “de adultos”. Este grupo em específico, a primeira vista pode parecer precocemente adultizado, no entanto o parâmetro de análise é predominantemente de uma visão de mundo diferentes à que os mesmos são socializados, não se aproximando da realidade destes sujeitos.

A necessidade de sobrevivência reduz cronologicamente esta passagem, além de acionar atribuições, que a primeira vista, não condizem com a idade cronológica dos mesmos. O que se pode, preliminarmente afirmar é que a ritualização dos desafios do universo dos adultos é constantemente encenada para tais sujeitos. As responsabilidades características desta geração são concomitantemente vivenciadas com a infância, o que demonstra uma dificuldade em demarcar, cronologicamente as gerações no contexto das classes populares.

Em suma, cabe lembrar que tratar o tempo de lazer destas crianças, mediante a vivência das práticas corporais significa abordar essa cultura local condicionada e condicionante na vida destes indivíduos, sendo expressões de seus conhecimentos, tradições e suas especificidades enquanto agentes sociais. (MELO, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lúdico assume papel subversivo no discurso destas crianças a partir do momento em que, à revelia dos padrões ou do público presente nos locais de trabalho os mesmos relataram brincar de forma “despreocupada”, utilizando de forma ressignificada o objeto de seu trabalho, relacionando-o com seus tempos de lazer.

Quando se questiona quais atividades e formas mais comuns de trabalho infantil estariam presentes neste contexto cultural, podemos constatar a grande presença da venda de picolés e sorvetes por parte de nossos informantes. Esta venda, também passa por um processo de ressignificação, à medida que o espaço da calçada vira rampa para saltos com o carrinho e o cesto de lixo do mesmo esconde bolas para jogar quando “der vontade”.

Este entrelaçamento dos tempos de trabalho e lazer demonstra como a dicotomização destes tempos sociais se mostra reducionista e equivocada. Tais tempos estão fluidamente inter-relacionados, no entanto, cada qual com sua especificidade na teia de significados culturais.

Neste sentido, tais vivências lúdicas destes sujeitos mostraram-se como “estratégias de vida” e “negociações com a realidade” e são, em última instância, formas de vocalizar suas individualidades, onde os mesmos sempre ressaltam o desejo em vivenciar símbolos culturais, que são específicos de suas comunidades e que proporcionam prazer em sua prática.

Este grupo de crianças trabalhadoras de classes populares explicita o desconhecimento acerca das especificidades culturais dos grupos populares que, em diversos momentos são idealizados em inúmeros discursos, apresentando uma relação quase que direta com atividades infracionais e ou com a necessidade salvacionista da intervenção assistencialista.

No contexto observado, o espaço cultural de origem destas crianças apresenta-se como uma teia de significados culturais específica, dotada de uma historicidade ímpar que pode ser acessada a partir dos signos presentes neste local, sendo através de seus agentes sociais, suas espacialidades e ressignificações impostas. “As sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas” (GEERTZ 1989, p.38).

Este trabalho não tem a pretensão em esgotar tal temática, e sim suscitar novos estudos, a partir da constatação do processo de “invisibilização” destes sujeitos sociais, bem como a naturalização destes fatos socialmente construídos se apresenta como processo instigante, a medida que nos faz repensar nossas pesquisas e intervenções, a fim de ouvir estas vozes, que têm muito a nos dizer.

TOYS THAT THE BODY IS THE SAME BODY WORKS: LEISURE, AND WORK IN CHILDHOOD DISCURSIVE PRACTICES.

ABSTRACT

This study seeks to understand the meanings that work and leisure in the daily take of a group of working children. For this purpose, we carried out field research on the campus of a Federal University. As research techniques, it employed systematic observations in a field notebook and thematic interviews with a group of eight children. It can be concluded that this group of working children experience the moments work differently and re-signified. Besides working time constitute income to help craft their families, presents itself as time recreational experiences different, indicating the subversive character of these kids play in the universe.

Keywords: Leisure, Children, Child Labor.

JUGUETES QUE EL CUERPO ES LA OBRA MISMO CUERPO: OCIO Y TRABAJO EN LA NIÑEZ PRÁCTICAS DISCURSIVAS.

RESUMEN

Este estudio busca comprender los significados que el trabajo y el ocio en la toma diaria de un grupo de niños que trabajan. Para ello, llevamos a cabo la investigación de campo en el campus de la Universidad Federal. Como las técnicas de investigación, la observación sistemática empleada en un cuaderno de campo y entrevistas temáticas con un grupo de ocho niños. Se puede concluir que este grupo de niños que trabajan experimentar los momentos funcionan de forma diferente y volver significado. Además del tiempo de trabajo constituyen ingresos para ayudar a diseñar sus familias, se presenta como experiencias diferentes momentos de recreación, lo que indica el carácter subversivo de estos niños jugar en el universo.

PALABRAS CLAVE: Ocio, Niños, Trabajo Infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBORNOZ, S. *O que é o trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANTUNES, R. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 6ª ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas: Unicamp, 1995.

ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2001.

BRASIL. *Decreto n.º 8.069*, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília. Disponível em www.camara.gov.br/estatuto_crianca_adolescente. Acesso em 16 de fevereiro de 2013.

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 3 - 26.

_____. *O Poder Simbólico*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 7 - 59.

DAMATTA, R. Individualidade e Liminalidade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 151-178, outubro 2000.

DEBORTOLI, J.A. Com Olhos de Crianças: a ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. *Licere*, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 105-117, 1999.

_____. Educação Física e Infância. In: SOUZA, E. S.; VAGO, T. M. (Orgs.) *Trilhas e Partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Cultura, 1997, p. 315-340

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GOELLNER, S. et al. Políticas de Esporte e Lazer de Inclusão Social. In: ISAYAMA, H. F. et al. (orgs.). *Gestão de Políticas de Esporte e Lazer: experiências, inovações, potencialidades e desafios*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____. *Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer*. Porto Alegre. Ministério do Esporte e UFRGS, 2009.

GOMES, C. L. Lazer e descanso. In: IX SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE. 2008, São Paulo. *Anais*. São Paulo: USP, 2008.

GOUVEIA, P. et al. *Uma Favela Cordial. Imagens, discursos e experiências em comunidades*. Viçosa: UFV, 2007.

IBGE Cidades@. Brasil. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidades. Acesso em: 16 fevereiro. 2013.

MELO, V. A. Estudos do Lazer: um panorama. In: ALVES JÚNIOR, E. D. et.al. (orgs.). *Lazer e cidade: Reflexões sobre o Rio de Janeiro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

_____. *Lazer e Minorias Sociais*. São Paulo: IBRASA, 2003.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípio e procedimentos*. 9ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

SILVA, M. R, A Exploração do Trabalho Infantil e suas Relações como Tempo de Lazer/Lúdico: quando se descansa se carrega pedra!. *Licere*, Belo Horizonte, v.4, n.1, p. 9-21, 2001.